

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E**  
**ANÁLISE EXISTENCIAL.**

**EDVÂNIA TELES RIBEIRO PEREIRA**

**A FALTA DE SENTIDO EXISTENCIAL COMO UMA DAS RAÍZES PARA O**  
**SUÍCIDIO: UM ESTUDO DE CASO**

**BELO HORIZONTE**

**2019**

EDVÂNIA TELES RIBEIRO PEREIRA

**A FALTA DE SENTIDO EXISTENCIAL COMO UMA DAS RAÍZES PARA O  
SUÍCIDIO: UM ESTUDO DE CASO**

Monografia apresentada no Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt – terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof Dr. José Paulo Giovanetti

Belo Horizonte

2019

*Quem irá me valer? São pessoas, é a caminhada*

*Quem irá me valer? São meus sonhos no pó da estrada.*

*Quem irá me valer? É o sorriso que guardo comigo.*

*Quem irá me valer? É o segredo de fazer amigos.*

*Para eu parar de me doer*

*Milton Nascimento.*

Dedico esta monografia às pessoas muito amadas que trouxeram à minha vida sentido existencial.

À minha mãe, que com muita coragem e fé lutou pela vida mostrando que toda dor carece de um sentido;

Remilson, pelo nosso amor e pela união de nossas forças no cotidiano da vida;

Deus, força soberana do universo que alimentou minha alma com calma e esperança durante toda essa jornada.

## AGRADECIMENTOS

Para cada pessoa que comigo tece a teia da existência contribuindo para que minha jornada tenha sentido, minha gratidão!

José Paulo Giovanneti, por ter me acolhido como orientanda e acreditou no tema. Por me apresentar os alicerces da fenomenologia e existencialismo trazendo luz à minha vida.

À Professora Saleth Sales, pelo acolhimento e ensinamentos sobre o cuidado humano. Ela nem imagina o quanto tocou a minha existência contribuindo para tornar-me ainda mais humana.

Claudia Lins Cardoso que fez meus olhos brilharem pela Gestalt –terapia.

À todos os professores da Pós graduação pelos ensinamentos teóricos e por de alguma forma terem tocado minha alma.

Remilson, pelo amor e compreensão nas necessidades existenciais. Por nossa união e nossos projetos de vida! Pelo carinho, cuidado e incentivos ao acompanhar cada passo e por me propiciar condições de realizá-lo.

Maria Terezinha, mãe dedicada que sempre torceu por mim. Sua força de viver, seu incentivo é luz que me conduz na vida.

Geraldo Ribeiro, meu pai amado! Devo a ele todo interesse e curiosidade pelo humano.

Ao meu irmão Edmar por seu ombro amigo sendo apoio e por mostrar-me que mesmo de longe continua a torcer por mim e se alegrar com minhas realizações.

Meus clientes no consultório que confiam em meu trabalho compartilham suas vidas e me ajuda acreditar em meu projeto profissional

Goreth Valadares, anjo que me acompanha em psicoterapia e testemunha cada dificuldade, cada dor, e cada renovar de vida e esperança.

Flávia Carvalho, companheira de pensionato que dividiu não apenas o quarto, mas também pequenos pedaços de vida. Gratidão pelo incentivo e amizade incondicional.

Sãozinha, amiga com quem compartilhei vida, alegrias, tristezas... Juntas demos boas risadas

Rayra, gratidão pelo grupo do almoço existencial! Momento que nos possibilitamos conhecer um pouco mais de cada uma de uma forma especial e partilhar as dificuldades, dores e alegrias.

Julia, com você aprendi a arte do encontro, do silêncio.

Lecyr, amiga que a vida trouxe desde o primeiro encontro, suas vivências me enriquecem e contribuem para que a vida seja mais leve.

Sandra Gonçalves, grande amiga e parceira que a vida trouxe como presente no caminho existencial. Sua força de viver e os enfrentamentos de suas lutas demonstrando que viver vale a pena são luz em meus caminhos.

## ÍNDICE

Resumo .....	6
Abstract .....	7
Introdução .....	8
Capítulo 1 Sentido de vida.....	11
1.1 O que é o sentido de vida?.....	11
1.2 A falta de sentido Existencial.....	16
Capítulo 2 Suicídio.....	19
2.1 Uma primeira aproximação.....	19
2.2 O desespero humano como um gatilho.....	21
Capítulo 3 Estudo de caso.....	23
3.1 A falta de sentido de vida como razão profunda do suicídio.....	23
3.2 O Resgate do Sentido de vida como prevenção do suicídio.....	24
Considerações Finais .....	27
Referências Bibliográficas .....	29
Anexo .....	30

150  
P436f  
2019

Pereira, Edvania Teles Ribeiro

A falta de sentido existencial como uma das raízes para o suicídio [manuscrito] / Edvania Teles Ribeiro Pereira. - 2019.  
34 f.

Orientador: José Paulo Giovanetti.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia. 2. Vida. 3. Suicídio. I. Giovanetti, José Paulo. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

## RESUMO

Apresento neste trabalho o tema do “sentido de vida”, sua importância no acolhimento e trabalho clínico com pessoas desesperadas diante da possibilidade da autodestruição. Este trabalho se fez através da investigação teórica sobre como a falta de sentido existencial pode conduzir ao suicídio, sobre a perspectiva da análise existencial e pelos conceitos de Viktor Emil Frankl. A atual crise contemporânea do aumento de suicídio em todo o mundo estreita o vínculo entre falta de sentido e suicídio. A falta de sentido de vida pode ser considerada como uma das raízes para o suicídio no mundo contemporâneo. Pensar na crise do sentido existencial que assola o homem contemporâneo pode trazer luz à clínica que a todo o momento recebe pessoas em situações de desespero muitas vezes sem a mínima condição de refletir sobre o vazio existencial que as acomete. Os conceitos de Viktor Frankl não somente oferecem elementos que podem contribuir de forma enriquecedora para questões atuais da falta de sentido e suicídio, mas pode ser um convite a ajudar a construir sentido com bases de fundamento prático para os desesperados de nosso tempo.

**Palavras Chave:** Sentido de vida, autodestruição, suicídio.

## **ABSTRACT**

We present in this work the theme of the "sense of life", its importance in the reception and clinical work with desperate people facing the possibility of self-destruction. This work was done through theoretical research on how the lack of existential meaning can lead to suicide, the perspective of existential analysis and the concepts of Viktor Emil Frankl. The current contemporary crisis of increasing suicide around the world narrows the link between meaninglessness and suicide. The lack of a sense of life can be considered as one of the roots for suicide in the contemporary world. Thinking about the crisis of the existential sense that plagues the contemporary man can bring light to the clinic that at all times receives people in situations of despair many times without the minimum condition of reflecting on the existential void that assaults them. Viktor Frankl's concepts not only offer elements that can contribute enrichingly to current issues of meaninglessness and suicide, but can be an invitation to help build meaning with practical groundwork for the desperate of our time.

**Key Words:** Sense of life, self destruction, suicide.

## INTRODUÇÃO

Este estudo se torna relevante uma vez que o número de pessoas que retiram a própria vida cresce em todo o mundo

Dados da organização mundial de saúde estimam que 800 mil pessoas morram por suicídio ao ano em todo o mundo, o que representa uma morte a cada 40 segundos. Apontam ainda que o suicídio é a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos chegando a ser considerada uma epidemia.

O tema do suicídio vem sendo estudado e pesquisado buscando-se uma compreensão do fenômeno. Atualmente vem sendo um problema de saúde pública uma vez que cresce em todo o mundo. Todos os anos, um milhão de pessoas se matam no mundo. (a média é de uma morte a cada 40 segundos). A depressão acomete mais de 350 milhões de pessoas e é apontada como a causa de 60% dos suicídios. Esses são dados estimados pela OMS. Só no Brasil, mortes relacionadas com depressão cresceram em 705% em 16 anos. Com isso foi criado o Dia Mundial de prevenção do suicídio promovido pela própria OMS.

Atualmente, vem ocorrendo uma série de estudos e discussões entre psicólogos e psiquiatras a respeito do tema, pois têm chegado às portas dos consultórios de psicologia uma demanda crescente de pessoas que atentam sobre sua própria vida. Percebe-se ainda que o tema se mostra como uma preocupação social, na atualidade o Setembro Amarelo vem como forma de quebrar paradigmas para que se possa falar abertamente a respeito do suicídio, fato que se torna cada vez mais recorrente e como uma forma de tirar o assunto do status de tabu e o conseqüente preconceito em seu entorno, deixando de ser transformado em algo velado, mesmo sendo ainda de difícil compreensão.

Reflexões e estudos sobre o suicídio se tornam importantes como forma de contribuir para ampliar o olhar e lançar luz sobre a questão e assim de alguma forma ajudar a prevenir as perdas e salvar cada vez mais vidas humanas.

A pesquisa também se torna relevante, pois pretende buscar subsídios teóricos para que psicólogos e outros profissionais de saúde estejam minimamente preparados para o acolhimento dos que diante da dor humana não conseguem encontrar um sentido para a vida e não vê outra alternativa que não ser o suicídio para resolver a dor e o desespero humano.

Sendo o homem um ser de sentido, buscar compreender qual sentido o homem contemporâneo tem dado à sua existência, contribui e questiona se a falta de sentido existencial pode ser uma das raízes para o suicídio.

O tema será compreendido através da abordagem fenomenológica existencial e dos estudos de Viktor E. Frankl sobre o sentido existencial como uma forma de [re]significar a vida humana e encontrar uma razão para viver, mesmo diante da desesperança e da dor. O suicídio será refletido a partir dos estudos de Valdemar Augusto Angerami que faz uma reflexão do suicídio baseada no desespero humano.

Viktor Emil Frankl, nasceu em Viena em 26 de março de 1905 e morreu em 02 de setembro de 1997.

Doutor em medicina e psiquiatria e "doutor honoris causa" em diversas universidades do mundo inteiro, inclusive na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Foi professor de Neurologia e psiquiatria na Universidade de Viena e de Logoterapia na Universidade Federal da Califórnia. Foi nos Estados Unidos, onde também lecionou como professor visitante nas Universidades de Harvard, Dallas e Pittsburg, que sua figura atingiu celebridade, apesar de suas teses contrariarem as correntes psicanalíticas dominantes aí. Como conferencista viajou por muitos países e esteve no Brasil em 1984 (Porto Alegre), 1986 (Rio de Janeiro) e 1987 (Brasília).

Durante a guerra, observou a si mesmo e a outros em situações limite nos campos de extermínio nazistas, seu "experimentum crucis", e comprovou a essência do que é ser humano: numa situação desumanizadora, usar a capacidade de transcender e manter a liberdade interior.

Foi considerado o médico da "doença do século XX", decorrente do vazio existencial. Afirmou que "o homem, pôr força de sua dimensão espiritual pode encontrar sentido em cada situação da vida e dar-lhe uma resposta adequada".

A vida e a obra de Viktor E. Frankl é uma sequência de fatos que se desencadeiam em um testemunho inquestionável do poder desafiador do espírito. Nos mostra como se pode viver humanamente se a busca de sentido é "resolvida". Viktor E. Frankl coloca que a busca de sentido é uma exata e precisa definição da natureza humana.

Escreveu cerca de 30 livros traduzidos em mais de 28 línguas, inclusive japonês, chinês e russo.

Atualmente existem institutos Frankl de Logoterapia na Argentina, Austrália, Áustria, Brasil, Canadá, Israel, Itália, Peru, Porto Rico, África do Sul, Suécia e Estados Unidos.

Quando preso no campo de concentração em de Auschwitz (Frankl, 2008), ao observar a si mesmo e os demais prisioneiros percebeu que a sobrevivência se ligava intimamente com uma atitude pessoal diante das alternativas que lhes eram dadas. Vivendo a experiência em

um campo de concentração sentiu a força das palavras de Nietzsche e cita a frase em sua obra, “Quem tem porque viver pode suportar quase qualquer coisa” (FRANKL, 1985, p.5). Suas experiências e posteriormente seus estudos mostraram que a maioria dos prisioneiros que não pereciam diante dos horrores do campo de extermínio faziam uso de sua capacidade interior de transcender as piores fases de desumanização. Guardavam sua liberdade interna e assim não se desvencilhavam do sentido de suas vidas.

O trabalho será dividido em três capítulos, sendo o capítulo 1 sobre o sentido de vida onde será apresentado o que é o sentido de vida, onde o homem pode construir o sentido de vida e sobre a falta de sentido existencial, seus desdobramentos; capítulo 2 sobre o suicídio onde faz uma reflexão a respeito deste fenômeno baseado nos estudos de ARGERAMI e capítulo 3 apresentará um caso clínico como forma de ilustrar a falta de sentido existencial como uma das possibilidades que pode conduzir ao suicídio.

Este trabalho não tem a pretensão de esgotar o tema, ou apontar a falta de sentido existencial como a única possibilidade para o suicídio; o que se procura é uma reflexão sobre o tema, uma abertura para repensarmos a desesperança e a dor que sucumbe a muitos a partir da falta de sentido, pois assim dizer, como nos adverte o filósofo Frederick Nietzsche “ ... quem tem porque viver pode suportar quase qualquer coisa “ afirmando que o homem precisa de um propósito maior para viver.

## Capítulo 1

O significado do sentido é o de indicar a estrada do ser.

Viktor Frankl

Sentido de vida

### 1.1 O que é o Sentido de Vida?

Neste primeiro capítulo buscamos compreender o conceito de sentido de vida. Como ponto de apoio teórico será utilizado às obras de Viktor Emil Frankl, médico psiquiatra e neurologista (1905-1977) que traz discussão sobre esta questão partir de suas próprias experiências em um campo de concentração.

Segundo Viktor Frankl (1985), o sentido da vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para outro, de uma hora para outra, o que aponta que o sentido de vida se modifica a todo o momento, mas nunca deve deixar de existir. Para Frankl a vida carece de sentido, ou seja, não há um sentido em si, é preciso que o homem construa conforma suas possibilidades um sentido para viver. Isso implica dizer que somos únicos, de subjetividades diferentes, com diferentes modos de pensar, sentir, compreender, comportar. Cada homem a seu modo e junto com toda a humanidade busca um sentido para a vida.

Para Viktor Frankl:

“O problema do sentido da vida quer se apresente quer não expressamente, cumpre defini-lo como um problema caracteristicamente humano. Por conseguinte, o pôr-se em questão o sentido da vida não pode ser, nunca, de per si, expressão de o que porventura o homem tenha de doentio; é antes e sem mais, para falarmos com propriedade, expressão do ser humano- expressão precisamente do que de mais humano há no homem.” (Frankl,2003, p.56)

A atitude de se perguntar qual o sentido de sua vida é possível para cada homem e em termos existenciais e filosóficos entendemos que o homem é um ser de sentido e o único

capaz de fazer interrogações sobre si mesmo e sua vida. Deste modo compreende-se que esta vivência e tal constatação é única. Cada homem irá problematizar sua existência e utilizar de seus recursos próprios e de suas experiências para encontrar o sentido de sua vida.

Compreende-se que o sentido de vida é individual nasce e floresce na vivência única dando abertura para novos horizontes e para novos sentidos. Se assim se faz, os sentidos podem ser os mais diversos e inesperados.

Cada homem, como protagonista de sua existência, irá se interrogar sobre a vida e seu sentido em vários momentos e embora possa se descortinar em angústia ao não dar conta de uma resposta, essa interrogação não é um adoecimento faz parte do próprio humano.

Ao tratarmos aqui de sentido, estamos nos referindo a um propósito e finalidade que se altera a cada momento da existência, mas que nunca deve deixar de existir. Frankl faz críticas as concepções de saúde mental a partir do ideal do equilíbrio homeostático, segundo ele uma determinada tensão é necessária para a existência humana. Em suas palavras:

” [...]o que o ser humano realmente precisa não é um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente. O ser humano precisa não de homeostase, mas daquilo que chamo de “noodinâmica”. (Frankl, 1985, p.95-96)

Se a pergunta pelo sentido da vida traz em si situações de angústia e gera tensões, é também diante desta indagação, propriamente humana, que o homem poderá encontrar a possibilidade de compreender a si mesmo e encontrar o seu propósito na existência dando assim, sentido à sua vida.

De acordo com os estudos de Viktor em sua obra “Em busca de sentido”, (1985), o sentido de vida se dá de diferentes formas. A primeira delas através do trabalho e das realizações do homem, ou seja, ao longo da existência o homem busca realizações significativas com objetivo de dar cor e sentido à sua existência. Por meio do trabalho nos revelamos para os outros e para nós mesmos. Descobrimos nossas habilidades e limitações; competências, alegrias, nos comprometemos com os outros e com diferentes causas. No mundo do trabalho o homem poderá encontrar sentido descobrindo qual a sua tarefa e compromisso existencial. Através do trabalho o homem poderá encontrar a possibilidade de enfrentamento, as dificuldades e vazio existencial ao focar na realização das tarefas levando em conta o benefício que essa tarefa pode gerar para a sociedade.

Ao avançarmos um pouco mais com este autor, Frankl (1985) ainda considera que o homem pode encontrar sentido existencial experimentando algo ou encontrando alguém, onde podemos conceber a relação humana também como fonte de sentido. Se o homem é um ser relacional como compreendemos através do existencialismo; encontra-se também na relação à possibilidade de construir sentido para a vida. Assim sendo junto com o outro experimenta emoções como bondade, a verdade, a beleza, a natureza.

A questão do trabalho e da relação humana como fonte de sentido existencial em Frankl (1991, apud Moreira; Holanda, 2010, p.346), considera que o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo a serviço de uma causa, ou no amor a uma pessoa. É como um olho, que só pode cumprir sua função de ver o mundo enquanto não vê a si próprio. O sentido tem um caráter objetivo de exigência e está no mundo, não no sujeito que vive a experiência.

A terceira fonte de sentido existencial apresentada por Frankl é através do sofrimento. Este autor nos ensina que o sentido existencial pode ser revelado pela atitude que o homem toma em relação ao sofrimento inevitável. Nesta forma apresentada por Frankl o homem se realiza quando algo se tem que aceitar tal qual é, mas onde se extrai da própria experiência um sentido que dê significado ao sofrimento e a dor. (Frankl, 1985)

O valor da atitude se faz presente quando as circunstâncias independem da ação de decisão do homem. Desta forma ele é impelido a buscar sentido no sofrimento oriundo das adversidades da vida.

Nesta terceira forma Frankl nos confirma que é possível encontrar novos significados diante da dor e do sofrimento. Ao tratar da Inter relação do sentido do sofrimento com o sentido de vida nos deparamos com o exercício ou a habilidade de responder à vida. Assim podemos pensar na condição do desespero humano, quando não há mais condições ou esperança para continuar lutando pela vida ainda assim o homem poderá encontrar nova maneira de significar seu sofrimento. Trata-se do posicionamento a ser tomado por cada homem diante do sofrimento.

Em suas palavras:

“Em última análise, a pessoa não deveria perguntar qual o sentido da sua vida, mas antes deve reconhecer que é ela que está sendo indagada. Em suma, cada pessoa é

questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida, respondendo por sua própria vida, a vida ela somente pode responder, sendo responsável.” (Frankl, 2002, p.98,99)

Este autor nos dá a certeza de que em algum momento da sua existência, o homem irá se deparar com a pergunta sobre o sentido da vida e salienta que a diferença está na resposta que o mesmo adotará frente a este questionamento inevitável. Diante do sofrimento ou do desespero humano focalizar a questão do sentido de vida significa refletir, de uma forma única, qual a responsabilidade com a sua própria vida. A responsabilidade neste caso é a habilidade em responder a vida e com esta conotação de resposta pode impulsionar uma mudança de atitude.

E, se nos remontamos a uma reflexão sobre a estrutura originária da nossa vivência do mundo, teremos que dar ao problema do sentido da vida uma viragem Copérnica: é a própria vida que faz perguntas ao homem. O que o homem tem que fazer não é interrogar, mas ser interrogado pela vida e a vida responder: o homem tem que responder à vida, tornando-se “responsável” (Frankl,2003, p.96)

A atitude de responder denota uma responsabilidade com o próprio existir. Existir, no entanto, é saber lidar com as mudanças, com o inesperado, com a não certeza que nos desafia e ainda com todas as coisas que nos acomete no mais simples do dia a dia.

Viktor ainda ressalta o conceito de responsabilidade que conduz a uma totalidade que vivemos com o mundo e com o outro. O homem é responsável por si e pelo seu semelhante numa busca por uma relação de respeito.

Conforme já dissemos, não se trata de perguntar pelo sentido da vida, mas sim de responder-lhe, dando a vida uma resposta. Daí que a resposta a dar em cada caso não se possa dar efetivamente com palavras, mas antes com ações, através de um agir. Além disso, essa resposta tem que corresponder a toda a concretude da situação e da pessoa, assumindo-a em si, por assim dizer. A resposta correta vem a ser, portanto, uma resposta ativa e uma resposta na concretude do dia-a-dia, enquanto espaço concreto do humano ser-responsável. (Frankl, 2003, p.159)

Deste modo podemos compreender que habilidade de responder a vida e a responsabilidade em Frankl se amplia para o mundo das relações cotidianas. Aqui podemos refletir ainda o conceito de liberdade que implica na noção de ser consciente de suas possibilidades e de suas escolhas.

“Assim mesmo uma vítima desamparada numa situação sem esperança, enfrentando um destino que não pode mudar, poderá erguer-se acima de si mesmo, crescer para além de si mesma e assim mudar-se a si mesma. Pode transformar a tragédia pessoal em triunfo.” (Frankl, 1991.P.124).

Suportar situações de sofrimento, requer uma postura de resiliência frente a um motivo maior na vida, seja ele a educação dos filhos, o tratamento de saúde da mãe, a luta no tratamento de uma doença incurável ou até mesmo a simples decisão de enfrentamento das adversidades tal qual um ato heroico de transformar uma tragédia pessoal em um triunfo, ou seja converter o sofrimento em uma conquista humana para que o sacrifício seja tomado como ensinamento pelos outros e assim ficar na memória de alguém como referência de fortaleza.

Neste sentido desperta a pergunta do sentido de vida frente aos desafios do sofrimento humano e que impulsiona a pensar que a luta pela vida requer um sentido, um significado mesmo diante da dor. Se o homem encontra sentido para o sofrimento pode continuar a viver mesmo frente às mazelas da existência humana.

Frankl em sua obra “Em busca de sentido” (1985), relata o caso de dois colegas de campo de concentração que estavam a um passo de cometer suicídio. Em seus relatos revela que um deles era um cientista que havia publicado vários livros sobre um determinado tema e que seus estudos ainda não haviam sido concluídos e que apenas ele seria capaz de finalizá-lo. Após se dar conta desta responsabilidade não conseguira cometer suicídio, pois sabia então os motivos de sua existência.

A consideração de que havia uma missão ainda por realizar fez com que o mesmo deixasse de considerar unicamente o sofrimento em si para lançar olhares aos outros ao mundo e sobre si mesmo e assim encontrar sentido para sua vida, independente das condições adversas pelas quais estava vivendo. Deste modo Frankl nos adverte:

“Precisamos aprender e também ensinar as pessoas em desespero, que a rigor nunca e jamais importa o que nós temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós.” (Frankl 1985)

Assim não é uma indagação que o homem faz a vida, é uma indagação ao próprio homem para que se coloque como responsável às exigências, ou seja, a pergunta pelo sentido da sua existência ao cumprir sua tarefa existencial. Em suas palavras:

“... somente na medida em que nos legamos, em que nos entregamos, em que nos abandonamos ao mundo e as tarefas e exigências que irradiam dele para nossa vida, somente na medida em que o que está em questão para nós e o mundo lá fora e os

objetos, mas não nós mesmo ou nossas próprias necessidades, somente na medida em que preenchemos tarefas e exigências preenchemos e realizamos também a nós mesmos.” (Frankl,2012, P.105)

Compreende-se que no momento em que o homem percebe-se como um ser autotranscendente não se fecha em si mesmo e sabe que seu autopreenchimento e sua realização se dá passando pelo mundo a serviço do outro, ou seja, encontra sentido na vida no encontro com outro ser humano e se realiza através deste encontro e dedica-se a servir uma causa ou amar outras pessoas. Neste sentido afasta-se das condições sociais tão carregadas de individualismo, se sente responsável pelo outro e vive a possibilidade do Nós em detrimento do EU.

A busca pelo sentido existencial ocorre no mundo, nas tarefas e na relação. Não se pode encontrar sentido existencial fechado em si mesmo. O indivíduo fechado em si mesmo se torna terra infértil sem relação com o diverso onde é possível encontrar pontos comuns na existência humana que lhe permita dar sentido a sua vida.

## 1.2- A falta de Sentido Existencial

Na atualidade temos nos deparados com o homem que busca ajuda e que apresenta em sua vida afazeres sem porquês satisfatórios. Relatam se sentirem paralisados por uma percepção de vazio em meio a tantas atividades.

Em uma sociedade da produtividade a vida acontece no corre-corre diário com muita intensidade e o homem experimenta ansiedade e confusão desentendimentos enquanto se percebe bombardeado de estímulos de toda a ordem. Torna-se comum não identificar o que sente assim fica sem sentido.

A falta de sentido é um sintoma contemporâneo, fruto de uma sociedade individualista, competitiva onde o homem enquanto ser no mundo vive de forma inautêntica a negar o seu Ser em detrimento do Parecer Ser. Nesta sociedade onde a significação da existência é colocada nos objetos e na desvalorização do humano a falta de sentido existencial se torna latente a gerar sofrimento emocional e o homem experimenta um vazio por vezes não compreendido. A queixa nos consultórios se alastra e ouvimos de nossos pacientes um relato de ter tudo “material” e sentirem um vazio existencial, angustiante sem identificar o motivo.

O homem contemporâneo perdeu sua essência primária do que sentia que devia fazer e passou a atender o desejo do mundo externo que lhe diz o que fazer. Este homem contemporâneo muitas vezes não sabe sequer o que deseja fazer. Assim deseja fazer o que os outros fazem ou o que outras pessoas querem que ele faça não reconhecendo seu Ser. (Frankl, 1985).

Deste modo muitos se percebem estagnados na tristeza, solidão, angústia e tédio sem conseguir dar sentido para o seu sofrimento.

Nas afirmações de Frankl encontramos que o homem sem um sentido para a vida acaba se dando conta de uma falta de conteúdo e desta forma o vazio existencial se torna manifesto afirmando que este vazio pode se convergir para casos de suicídio:

“Pensemos, por exemplo na “neurose dominical”, aquela espécie de depressão que acomete pessoas que se dão conta da falta de conteúdo de suas vidas quando passa o corre-corre da semana atarefada e o vazio dentro delas se torna manifesto. Não são poucos os casos de suicídio que podem ser atribuídos a este vazio existencial. Fenômenos tão difundidos como depressão, agressão e vício não podem ser entendidos se não reconhecemos o vazio existencial subjacente a eles. O mesmo é válido também para crises de aposentados e idosos.”

Diante das tarefas do dia o indivíduo não faz reflexões sobre sua existência e em grande parte das vezes todas as tarefas diárias são realizadas de forma mecânica e automática sem se perguntar do seu real desejo, prazer, ou realização pessoal. Ao falar da depressão como a doença do século XX, identificada como a grande responsável por grande número de suicídio; Frankl orienta que não deve ser entendida sem observar o vazio existencial que anteriormente seria a falta de sentido existencial para uma melhor compreensão do sofrimento e desespero humano.

É necessário ainda reconhecermos que questões de fundo social contribuem para o sofrimento humano e a falta de sentido existencial. Há pessoas que são tentadas a perder a própria razão e a esperança para viver por estarem privadas das condições mínimas materiais de existência; pela fome, condições injustas, pela falta de trabalho, assistência. Porém devemos reconhecer que mais gravemente pesa o fato de não conseguirem encontrar o sentido da própria existência.

O vazio existencial definido por Frankl sob a perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial é como um sentimento de incompletude no qual o homem perde o sentido ou o

significado de viver. Sentimento este que sucede a uma frustração existencial, que por sua vez ocorre quando o homem não tem mais um propósito de vida, não sente satisfação em sua existência, não sabe para que viver, trabalhar, sofrer ou amar. (Frankl,1989).

Para sair do vazio existencial o homem necessita se auto transcender. A autotranscendência refere-se a buscar algo fora de si mesmo, no mundo, nas pessoas, onde o homem é capaz de realizar sua vontade de sentido.

## Capítulo 2

### Suicídio

#### 2.1 Uma primeira aproximação

O suicídio é um fenômeno paradoxal que desafia várias ciências como a filosofia, Psicologia, Direito, Psiquiatria, assim como as religiões e o senso comum. (Angerami, 1997).

“A compreensão do fenômeno do suicídio se encontra distante da compreensão humana. A própria essência de sua destrutividade é algo peculiar que escapa a percepção.” (Angerami,2017).

O enigma que se estabelece frente à compreensão do fenômeno leva a estudos empíricos e análises científicas sem conclusões indicando que o tema é controverso e está longe de ser compreendido. Conforme Angerami 2018, jamais serão conclusivas afirmações que tentam compreender a condição humana em seus mistérios e quando se apresenta a questão do suicídio com todo o seu enigma diante da questão da morte e da destruição ocorre uma obscuridade da própria consciência humana.

Angerami (2018) ao tratar da teorização do suicídio e dos frequentes estudos que apontam dados numéricos nos diz que a teoria é um conjunto de hipóteses formuladas na tentativa de compreensão de um fenômeno ou ocorrência, ou seja, basta discordamos de seus enunciados e axiomas que ela nada nos explica. Para este autor não há necessidade de teorizarmos o suicídio ou nos prendermos aos números, a necessidade que se apresenta é uma reflexão sobre o suicídio, no acolhimento e compreensão da dor humana transformada em desespero que leva inúmeras pessoas a executarem com as próprias mãos suas vidas.

Diante da complexidade do fenômeno, resta-nos a questão: Por que as pessoas se matam? Por que diante de situações semelhantes algumas pessoas se precipitam num ato suicida e outras não?

Este capítulo será uma breve reflexão sobre o tema a luz de uma compreensão minimamente existencial que não pretende esgotar o tema ou trazer definições sobre um

fenômeno é apenas o olhar com a possibilidade de levar a reflexões sobre esse acontecimento humano que permeia de modo singular a sociedade contemporânea e entrelaça-lo com a falta de sentido existencial que alguns teóricos consideram que podem ser uma das raízes do suicídio.

Angerami, 2016, a partir dos estudos de Durkheim que foi o primeiro a estudar e buscar uma compreensão do suicídio denota a questão em termos interacionais. Para Durkheim indivíduo e a sociedade se torna um binômio indivisível negando a ação individual das pessoas suicida. Para ele a própria sociedade com seus altos índices de destruição se baseia em um caráter patológico.

Por outro lado, autores que partiram das concepções de Durkheim definem o suicídio como uma reação psicótica resultante de uma indução, e não apenas de uma livre determinação individual apontando que a sociedade macro e micro (famílias) ensinam os modelos de conduta que cada um deve adotar. (Angerami, 2016.p.31)

Assim sendo o suicídio é uma patologia social. Aquele que comete o ato denuncia a própria sociedade doentia, individualizada, abarcada de sofrimentos sociais que na maioria das vezes se tornam sofrimentos emocionais e levam o homem ao desespero.

Afirmção de Sartre filósofo existencialista, sobre o homem implica em que o homem não é definível, se assim se faz é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como ele se concebe depois da existência, como ele deseja após este impulso para existência: o homem não é mais do que ele faz. Deste modo é impossível negar a participação do próprio homem no seu processo de destruição, mesmo na medida em que prevalece fazendo escolhas existências por uma sociedade injusta que destrói sonhos e projetos. Aqui vale lembrar sobre as afirmações de Frankl sobre a responsabilidade do homem consigo e para com os outros homens num contexto social.

Ainda conforme Angerami, 2016, é o fato de não poder viver que leva a morrer. Em uma sociedade duramente imposta por regras sociais, em nome de uma ordem social que deve ser preservada, o suicídio é a pura manifestação do desespero humano. Para o homem desprovido de conhecimento do SER, em uma sociedade onde não é possível falhar ou errar muitos se sentem incapaz de atender a essa demanda ou esse imperativo de sucesso e se refugiam no vazio existencial. Diante de tal constatação da incapacidade de atender as

expectativas dos Outros o suicídio se converte em uma saída para se livrar da angústia e da dor.

A temática do suicídio, conforme nos esclarece Gonçalves, 2018, traz consigo muitos debates carregados de sentido pejorativo e romanceado no imaginário popular, quando muitos explicam o tema em se tratando de um ato de coragem, e outros apontam como um ato de covardia. Porém devemos lembrar que o suicídio não se desdobra de forma imediata, seus contornos se dão a processos de dias, semanas, meses ou até anos de sofrimento para se culminar em um projeto de suicídio. Deste modo devemos considerar que não se trata de um ato de coragem e muito menos de covardia, mas deve ser considerado como um ato de desespero, conforme nos sugere (Angerami, 2017).

Cabe dizer, e destacar que os estudos deste mesmo autor indicam que excluindo se os casos de suicídios religiosos e aqueles motivados por idealismos radicais sempre encontramos indivíduos acometidos pelo desespero. (Angerami, 2017).

## 2.2 O desespero humano como um *gatilho*

Afirmado ser sobre as investigações a respeito do suicídio e confirmando a condição de desespero humano e a falta de sentido como uma das raízes do suicídio Gonçalves, 2018 descreve que:

”Queremos dizer que é impossível esgotar a compreensão acerca do sofrimento psíquico, então torna-se plausível compreender o fenômeno do suicídio no que diz respeito a um de seus aspectos constituintes, o “desespero”, pois não importa quão severas as circunstâncias pareçam, as pessoas em desespero não conseguem achar significado na vida, em seus estados mentais deteriorados.” (Gonçalves. 253, 2018)

Neste sentido o desespero humano é apresentado como um dos fatores constituintes para o suicídio e o autor ainda nos adverte que o homem em desespero terá dificuldades para encontrar significado para continuar a viver.

No dicionário encontramos a definição da palavra desespero como 1. estado de profundo desânimo de uma pessoa que se sente incapaz de qualquer ação, desalento. 2. estados de consciência que julga uma situação sem saída, desesperança.

“Desesperar é perder a esperança que um dia tivemos não ter confiança em seguir o que queremos e julgar-se incompetente ou mesmo impotente para alcançar alívio diante daquilo que nos aflige.” (Gonçalves,2018)

Na atualidade percebe-se o crescimento do número de pessoas que tentam ou retiram a própria vida e pensar a temática envolver refletir a respeito de tantos sofrimentos que estão açoitando pessoas de diferentes formas e nos mais diversos segmentos sociais. Neste sentido se torna difícil uma definição conceitual sobre o desespero uma vez que cada indivíduo o descreverá de um modo diferente. Assim somente podemos dizer sobre a desesperança e a dor.

Em Gonçalves 2018, encontramos que o desespero se desenvolve de modo particular em cada indivíduo, e conseqüentemente, suas reações dependerão de um grande número de fatores, entre os quais a constituição biológica, o temperamento e a idiossincrasia.

Em termos filosóficos, podemos compreender o suicídio como um ato que questiona a existência de modo drástico e definitivo. É a consciência de que a vida se mostra em sofrimentos e agruras existenciais e que cabe ao próprio homem encontrar o significado existencial para viver.

Argerami, estudioso da temática do suicídio, discorre que há uma tendência de buscar as causas para o suicídio, porem ressalta que após anos de trabalho com pacientes envolvidos nessa temática pode se afirma que:

Não existe causa para a tentativa de suicídio, ou mesmo o suicídio consumado. O que provoca os atos envolvendo o suicídio é a total falta de sentido para a vida. Aquilo que é definido como causa, na verdade é a gota de água em um copo que de há muito transbordou. Houvesse sentido de vida e a separação amorosa, desemprego e outras causas evocadas, certamente provocariam sofrimento e até mesmo situações de desespero, mas não seriam determinantes, para se buscar a morte, através do suicídio. (Angerami, P.37,2017)

Quando um elemento é definido como causa na verdade é apenas o que disparou a ocorrência de um sentimento devastador, geralmente potencializado tornando o momento atual de sofrimento intolerável culminando em desespero frente à dor e sofrimento. Assim como nos adverte Frankl e Argerami o desespero não desembocaria em suicídio caso o homem reconhecesse alguma razão para continuar vivendo. O sentido de vida poderia se sobrepor ao desespero e a dor humana.

### Capítulo 3

A falta do Sentido de Vida como razão profunda do suicídio – Análise do caso clínico.

A falta de sentido de vida também pode ser percebida com o distanciamento que a pessoa efetiva de coisas que lhes são importantes. Atividades, hábitos, pessoas, uma série de coisas que tinham importância vão perdendo o significado, e a pessoa lentamente vai deixando tudo e se encarquilhando em um processo de dor e sofrimento. (Angerami, p.31, 2018)

“Cai na bebedeira. Às vezes, passava na casa dela, para ver as crianças. Não aguentava tanta dor.”

Ocorre uma perda do interesse em atividades que antes lhe traria algum prazer e sentido. Esses indivíduos se veem lançados em um mundo de sofrimento e desesperança, onde o foco central passa a ser apenas o sofrimento e as mazelas da vida. Não encontram uma luz, uma saída para a dor que fervilham em suas almas.

“E passei a perambular pelas ruas da cidade. Pra essa degradação, foi um passo. Cai tanto, que não é possível pensar noutro tipo de vida. Essa é minha vida: miséria, lixo, violência, violência e tudo que acaba com o resto de decência da gente... Eu não aguento mais essa vida.”

A ideação suicida surge quando o sentido de vida se vê esmaecido e sem qualquer condição de superação ao esgarçamento provocado pela vida. A ruptura com a disposição de continuar no enfrentamento às adversidades da vida, e o ato de se entregar totalmente ao cansaço é derivação sequencial da perda do sentido de vida. E a ideação suicida irá surgir como escopo de algo que não tem configuração precisa, mas é quase sempre letal. (Angerami, p.32, 2018)

“Comecei a andar pelo viaduto e de pois pela rua. De repente, vi que, ao longe, vinha o caminhão de lixo. E pensei: acho que eles estão limpando a cidade. E quando o caminhão chegou perto, me atirei na frente das rodas dianteiras. Foi um estrago só, mas não consegui morrer. Nem mesmo aquele caminhão de lixo quis saber de um trapo como eu...”

Diante destas considerações o autor considera que a falta de um sentido para vida pode ser uma das raízes para o suicídio uma vez que nesta falta o homem não encontra um motivo maior para lutar frente às diversidades e sofrimentos.

Neste contexto, a vida vai se esmaecendo e a luz para continuar a existir vai se apagando. O Desespero toma conta da alma humana frente ao vazio existencial e o suicídio passa a ser uma possibilidade frente à dor e o desespero.

“Essa é minha vida: miséria, lixo, violência, violência e tudo que acaba com o resto de decência da gente...Eu não aguento mais essa vida. Não dá pra você imaginar, o que é ser acordado pelos ratos e baratas. Tem vezes que os ratos atacam e até mordem, quando estamos dormindo. E o porre, às vezes é tanto que a gente nem sente nada. É terrível.”

Angerami, (2018) ainda ressalta que diante do desespero, muitas vezes aquele que tenta o suicídio não deseja acabar com a vida e sim acabar com a dor e o sofrimento. Assim sendo, se não há um sentido existencial, suicidar-se torna uma alternativa para dizimar a dor.

”Eu não aguento mais essa vida. Não dá pra você imaginar, o que é ser acordado pelos ratos e baratas. Tem vezes que os ratos atacam e até mordem, quando estamos dormindo. E o porre, às vezes é tanto que a gente nem sente nada. É terrível. Viver com ratos é coisa para ratos. E não para gente.”

Torna-se muito difícil a asserção de que a pessoa, ao buscar o suicídio, busca a morte. Percebemos que a busca do suicídio é muito mais uma tentativa de se resolver determinados conflitos, bem como o emaranhado de sofrimentos em que a existência muitas vezes se encontra. A morte surge como sequência e não busca deliberada. (Angerami, p.35,2017)

Uma questão importante para os psicoterapeutas que decidem trabalhar com a autodestruição vem a ser como resgatar o sentido de vida do paciente.

Argerami (2018) nos aponta que o sentido de vida é a propulsão maior de uma determinada pessoa. E que a vida ganha significado a partir da busca de realizações, assim como também nos adverte Viktor Frankl (1985), advertindo que o sentido de vida poderá ser encontrado de forma individual nas realizações humanas.

Tratando da importância do sentido de vida para ajudar pessoas desesperadas, o mesmo autor nos adverte:

O resgate do sentido de vida surge como sendo um dos principais antídotos contra o suicídio. Na medida em que a pessoa que envereda pelos caminhos da autodestruição sempre é alguém que perdeu totalmente o sentido de vida, resgatar o sentido de vida equivale a dizer que alguém foi resgatado dos caminhos da autodestruição. É dizer que a autodestruição é claramente um processo que apresenta alguém desesperado frente às circunstâncias da vida, e

uma pessoa para quem a vida simplesmente perdeu totalmente o significado. (Angerami, p. 32. 2018).

Trata-se de considerarmos a importância do resgate do sentido de vida naqueles que sofrem e se desesperam frente às dificuldades existenciais. Ajudar o homem a encontrar sentido mesmo diante do sofrimento e alcançar esperança pode ser uma tarefa do psicólogo que acolhe os desesperados. Acolher significa lançar luz, resgatar o que há de mais nobre em cada SER, reconhecer o valor de cada vida e ajudar a buscar ao menos um fio condutor para algo que ainda vale a pena lutar e viver.

Se o homem pode encontrar sentido existencial na dor como afirma Viktor Frankl, o papel do psicólogo deve ser o de ajudá-lo a encontrar sentido diante do sofrimento.

Segundo Fukumitsu,(2014) lidar com o fenômeno do suicídio implica aprender a lidar, entre tantos outros aspectos, com a dialética vida e morte; com o desespero humano, influenciado pela anedonia; com as imprevisibilidades da vida; com indivíduos que morreram existencialmente e que não exprimem o prazer de estarem vivos e se perderam pela falta de esperança e fé na vida.

A mesma autora ainda enfatiza que o trabalho com aqueles que pensam no suicídio é por parte do psicoterapeuta aprender a tolerar a falta de sentido do outro e ressalta que é um dos aspectos mais desafiantes, ou seja, o psicoterapeuta deve compreender seu papel como cuidador do foco existencial de cada um em seu desespero e dor. (Fukumitsu, 2014)

Fukumitsu, percebe o fenômeno suicídio como “... a confirmação concreta da descontinuidade do sentido da vida” (Fukumitsu, 2013, p.19)

Assim, prevenir o suicídio significa resgatar o sentido de vida, re - significar a existência e as potencialidades humanas, bem como através do sentido de vida identificar possibilidades no enfrentamento das adversidades que a vida impõe.

Relação entre o suicídio e a falta de sentido de vida

Mahfoud (2018) também afirma que enquanto psicólogos, nossa responsabilidade se refere a ajudar nesse direito inalienável do homem contemporâneo de viver sua busca pessoal e de chegar a amadurecer uma tomada de posição frente a vida. O grito por sentido não pode

ser calado. Segundo Fukumitsu,(2014) lidar com o fenômeno do suicídio implica aprender a lidar, entre tantos outros aspectos, com a dialética vida e morte; com o desespero humano, influenciado pela anedonia; com as imprevisibilidades da vida; com indivíduos que morreram existencialmente e que não exprimem o prazer de estarem vivos e se perderam pela falta de esperança e fé na vida.

A mesma autora ainda enfatiza que o trabalho com aqueles que pensam no suicídio é por parte do psicoterapeuta aprender a tolerar a falta de sentido do outro e ressalta que é um dos aspectos mais desafiantes, ou seja, o psicoterapeuta deve compreender seu papel como cuidador do foco existencial de cada um em seu desespero e dor. (Fukumitsu, 2014)

Fukumitsu, percebe o fenômeno suicídio como “... a confirmação concreta da descontinuidade do sentido da vida” (Fukumitsu, 2013, p.19)

Assim, prevenir o suicídio significa resgatar o sentido de vida, re - significar a existência e as potencialidades humanas, bem como através do sentido de vida identificar possibilidades no enfrentamento das adversidades que a vida impõe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa partiu de inquietações próprias sobre o suicídio. A partir de vivências de tentativas de autodestruição de pessoas próximas, de perguntas existenciais a respeito daqueles que só encontram saídas para a suas dores no suicídio me tocaram de modo a buscar minimamente uma compreensão de tal fenômeno.

Não foi muito fácil discorrer sobre o tema, visto que não encontramos nenhum projeto de pesquisa sobre o mesmo. Foi um pegar e fazer, partindo das leituras dos teóricos escolhidos. Resultando neste trabalho de pesquisa e estudo de caso quase que pioneiro.

Procuramos no primeiro capítulo entendermos mais a respeito das reflexões de Viktor Frankl, que é o autor principal desta pesquisa. No segundo, aprofundamos nossos conhecimentos a respeito do desespero, da angústia humana que desencadeia a necessidade de colocar um fim à própria vida. O que serve de gatinho para tal desfecho.

Várias teorias tentam explicar o suicídio, mas a explicação que mais se aproxima é a intensificação da sensação de vazio, de falta de percepção de sentido na vida o que leva à frustração e posteriormente à depressão, desencadeando o desespero e a desesperança.

Na sociedade contemporânea se torna cada vez mais necessário educar para o sentido da vida e sobretudo para o enfrentar os percalços que surgem com coragem e força para lutar, o que tornará o sofrimento suportável.

Existem situações ou obstáculos que dificultam nossa trajetória existencial, mas é preciso ter sentido para que se alcance ultrapassar esses obstáculos que muitas vezes persistem no caminho. A vida é efêmera e lidar com a imprevisibilidade e incertezas requer um posicionamento. A vida carece de sentido e o homem contemporâneo apresenta urgência e necessidade de construir a seu modo e diante de suas possibilidades sentido único para viver.

Ao ter contato com os escritos de Viktor Frankl possibilidades para uma reflexão a partir do conceito de sentido de vida veio fomentar as inquietações por hora vivenciadas

Percebemos uma busca desesperada de saída, uma fuga sim. Mas sem o desejo de morte. Esta é uma consequência do desespero, da frustração de não saber como se

desvencilhar de determinada situação que o está desafiando. E assim o indivíduo se coloca de frente com sua própria destruição e isso pode culminar com sua morte.

E é preciso que o profissional que lida com um indivíduo com um grau de depressão que beira o desespero, procure meios de fazê-lo refletir que cada situação difícil, cada sofrimento humano pode ser significado de forma positiva quando o sentido de vida se faz presente no homem em desespero. É um momento em que o indivíduo consegue se olhar com carinho e atenção e perceber-se capaz de vencer o desespero que o consome.

Como psicólogos é preciso olhar amoroso e acolhedor para com aqueles que se desesperam frente as mazelas existenciais. Compreender a dor e o desespero é contribuir para que vidas não sejam sucumbidas pela falta de sentido existencial. É importante auxiliar aqueles que se encontram em situações de fragilidade sem perceber nenhuma luz no fim do túnel.

Ajudar no encontro do sentido existencial é salvar vidas. Conforme o estudo deste trabalho tudo na vida pode ter sentido até mesmo o sofrimento se olhado como forma de aprendizado, se usado para a [re] significação de si mesmo, de sua vida e do meio que o cerca.

Tendo em vista tudo o que vimos no presente estudo, pensamos que ele pode ter continuidade buscando lançar mão de terapias que dêem conta de trazer o paciente à realidade, de certa forma auxiliarmos o indivíduo a fazer uma auto reflexão, a olhar para sua vida elencando o que o faz feliz, enfim, estratégias que o levem a perceber que viver é muito mais interessante e prazeroso do que simplesmente colocar um ponto final assim tão definitivo. A busca de algum caminho que consiga tratar com humanidade e respeito quem, de certa forma, se ‘afunda’ na depressão e suas consequências precisa ser aprofundada. Faz-se necessárias mais pesquisas nesta área.

As considerações apresentadas sobre o caso é apenas um olhar sobre a falta de sentido existencial e a busca da tentativa do suicídio como uma saída para tamanha dor vivenciada.

## Referências Bibliográficas

FRANKL, Viktor Emil. (2002) Em busca de sentido. Um psicólogo no campo de concentração. 16 edição (w.O. Schlupp; C.C. Aveline, Trad.). Tradução de Walter Schlupp e Carlos Aveline. 1 edição. Petrópolis. Editora vozes.

FRANKL, Viktor Emil. (2003). Psicoterapia e sentido de vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial. 4 edição. (A.M de Castro, Trad.). São Paulo: Quadrante. (Publicação oriPrint Editora, original em 1946)

ANGERAMI, Valdemar Augusto. Sobre o suicídio. A Psicoterapia diante da autodestruição. 1 edição. Belo Horizonte. Ed Artesã, 2018.

ANGERAMI, Valdemar Augusto. Suicídio: uma alternativa a vida: fragmentos de psicoterapia existencial. Belo Horizonte. Editora Artesã, 2017.

GONÇALVES, Bruno. Obre o Desespero. In: ANGERAMI, Valdemar Augusto. Sobre o suicídio. A Psicoterapia diante da autodestruição. 1 edição. Belo Horizonte. Ed Artesã, 2018.

FUKUMITSU, Karina O Kajima. O Psicoterapeuta diante do comportamento suicida. Psicologia. USP, São Paulo, v.25, n3, p.270-275, Desc.2014.

FUKUMITSU, Karina O Kajima. Suicídio e Luto: histórias de filhos sobreviventes. São Paulo: digital & Print Editora, 2013b.

Biografia de Viktor Emil Franklin:  
<https://www.logoterapia.com.br/conteudo.php?cod=viktor> acesso em 15/04/2019.

## **Anexo**

## Caso Clínico

Neste capítulo será apresentado o relato de um caso clínico do autor Valdemar Augusto Argerami (2017), em seu livro: Suicídio uma alternativa a vida, e uma reflexão baseada na falta de sentido de vida e suicídio.

Relato do caso:

Sabe moço, meu lar é na rua. Nos baixos do viaduto, lá no Glicério. Na rua, durmo nos baixos do viaduto. E faz tanto tempo que ninguém me chamava de senhor que até fiquei comovido. Nossa vida, nosso teto é a rua.

A vida na rua é muito difícil. Tem alguns que até gostam dessa vida, mas eu não estou aguentando mais...Meu nome é Francisco de Paula, mas aqui na rua me chamam de Chicão. Mas no passado vivia que nem a maioria das pessoas, tinha casa e trabalho e tudo mais que as pessoas normais possuem...Era garçom e trabalhava no Pigalle, um restaurante francês, e era especialista em fazer crepe-suzette...Pode parecer mentira, mas juto, por tudo que é sagrado, c Omo é verdade. Eu mesmo não consigo acreditar. Quando pensa na outra vida que tinha, tenho a sensação, sei lá o quê. Penso que não é possível que tudo isso tenha se passado nessa vida. É difícil contar...Foi tanta coisa junto, que nem dá para saber ao certo o que aconteceu...Foi tudo muito difícil. Tinha dois filhos com a Cida. A gente morava aqui perto, no bairro do Bexiga. Era uma casa pequena, mas tinha um quintal bom, para as crianças brincarem. Como era garçom, tinha os horários muito quebrados. Saía de casa às dez horas da manhã, para enfrentar o turno do almoço e voltava para casa lá pelas quatro horas da tarde. Depois, por volta das seis horas, pegava outra vez no batente, para enfrentar o turno da noite. Daí voltava para casa de madrugada. A Josefa irmã da Cida, também morava com a gente e olhava as crianças, quando a Cida precisava sair. Ela saía muito, nem sei para que saía tanto, ou melhor hoje em dia sei...

E todas as vezes que eu perguntava aonde ela ia, a discussão era inevitável. Ela dizia que não me descia satisfação. A gente brigava sem parar. Bastava ficar perto para ter discussão e baixaria. As crianças choravam muito, quando a gente brigava. A Josefa levava os dois para dar uma volta e afasta-los daquele inferno que se tornavam nossas discussões. E,

mesmo assim, eu gostava muito dela...Era muita baixaria. Num dia, no meio de uma discussão, ela fez uma revelação que me arrasou: tinha outro homem e havia decidido ir embora com ele. Foi como se tivesse me apunhalado. Sem piedade.

Aí compreendi tudo, A Cida não mais se importava comigo e por isso saía tanto de casa. Buscava fora, aquilo que não conseguia obter com o marido. Aquilo era impossível e não aguentei. Dei lhe uma bordoadada no meio da cara. Ela chorou muito. Daí, então fiquei desesperado que dessa vez estava tudo perdido. Saí para rua. Fui beber. Bebi até cair.

No dia seguinte, conversamos. E ela então me disse que iria embora com o outro...Nova apunhalada. E dessa vez mais profunda e dolorida. Eu estava querendo perdoá-la e reconstruir nossas vidas. Eu não tinha condições de ficar com as crianças. Ela foi embora e levou os meninos. E pior de tudo, foi morar lá perto de casa.

Cai na bebedeira. Às vezes, passava na casa dela, para ver as crianças. Não aguentava tanta dor. Estavam todos contentes com a nova vida. As crianças até falaram que agora estava tudo bem, pois não viam mais o pai brigando com a mãe. Dia foi o fim. Bebi até não poder mais. Perdi o emprego. De tento porre que tomava, mais faltava, que trabalhava. Tentava. Relutava. E me arrebatava. Entreguei a casa. E passei a perambular pelas ruas da cidade. Pra essa degradação, foi um passo. Cai tanto, que não é possível pensar noutro tipo de vida. Essa é minha vida: miséria, lixo, violência, violência e tudo que acaba com o resto de decência da gente... Eu não aguento mais essa vida. Não dá pra você imaginar, o que é ser acordado pelos ratos e baratas. Tem vezes que os ratos atacam e até mordem, quando estamos dormindo. E o porre, às vezes é tanto que a gente nem sente nada. É terrível. Viver com ratos é coisa para ratos. E não para gente.

Baratas, baratas e baratas. Elas são tanto lá pedaço que não causam o menor espanto. A nossa comida é guardada no canto quinado do viaduto. E quando se vai comer, a primeira coisa que se tem de fazer é preparar o estômago e toma uma branquinha para ajudar a descer.

Vivemos com a sobra dos restaurantes e bares do bairro. Ninguém morre de fome na rua. A sobra, o desperdício são muito grandes. E, além de tudo conseguimos algum dinheiro com os nossos trambiques. Tem dia que até comemos melhor que muita gente, não fosse os ratos e baratas que nos espreitam incessantemente. Apesar de tudo, são os únicos que se preocupam com os bêbados e vagabundos.

A violência que a gente enfrenta é de outros vagabundos que roubam nossas coisas. Sabe, moço, impossível você imaginar, mas somos assaltados e até mesmo esfaqueados, enquanto dormimos. Já não temos decência e ainda somos roubados. O difícil mesmo são as brigas. O pessoal bebe. E fica transtornados. E briga por qualquer motivo. Até a morte, acontece...E quando alguém morre, a polícia bem e pega o corpo. E leva pra não sei onde. E tudo continua igual. Esse ano, já morreram uns quatro ou cinco companheiros. E nunca aconteceu nada pra ninguém. Quando morre alguém na rua a polícia deve dar graças a Deus. É um trapo a menos, para não sujar o lixo da cidade. Na rua é como se existissem vários territórios. Em cada um deles existem regras e padrões próprios. Isso tudo, no meio de muita briga e violência. Dificilmente uma pessoa se muda do grupo. O grupo, às vezes, se muda de lugar. Isoladamente, só no caso de desentendimento sério com o grupo. O pessoal está sempre no maior porre. Bebedeira lá é rotina. Lixo e violência. Ratos e baratas. É difícil, moço. A minha família pensa que eu sumi, morri, sei lá o que. Acho que nem podem imaginar o trapo humano que eu me transformei. De vez em quando, passo lá perto de casa onde eles moram, e vejo as crianças de longe...Daí moço, é com os e me apunhalassem o coração com bastante vigor...A dor é insuportável.

E foi num desses dias que a coisa aconteceu. De tarde, lá pelas cinco horas, mais ou menos, passei perto da casa da Cida, e sabe o que vi moço? A Cida saindo para passear com as crianças e o novo marido. Nunca imaginei que pudesse sentir tanta dor de uma só vez...Sentia o coração pisado...Não aguentei e voltei para o viaduto e bebi até não poder mais. E depois dormi. Acordei no meio da madrugada. Olhei o céu e vi minha desolação. Como era possível os companheiros também não estarem chorando diante da minha dor... A cabeça doía, as ideias estavam confusas. Acho que nunca tinha bebido tanto, como naquela noite. Comecei a andar pelo viaduto e de pois pela rua. De repente, vi que, ao longe, vinha o caminhão de lixo. E pensei: acho que eles estão limpando a cidade. E quando o caminhão chegou perto, me atirei na frente das rodas dianteiras. Foi um estrago só, mas não consegui morrer, nem mesmo aquele caminhão de lixo quis saber de um trapo como eu...

Não sei mais nada, o meu pensamento é uma mistura da vida na rua e da vida com a Cida...Tudo é muito confuso...Eu não sei se a dor das fraturas é maior do que a dor que sinto no coração...Tudo é muito difícil, até de pensar...

Ontem o motorista do caminhão de lixo veio aqui me visitar, pra saber como eu estava. Coitado. Perder tempo com um trapo humano, quando existe tanto lixo para ser recolhido na cidade. O que eu mais queria, agora, era receber a visita das crianças..., mas acho que elas nem devem lembrar mais que eu existo. Será que tem um jeito de alguém trazer as crianças aqui no hospital? Eu sei o endereço delas. Sabe, é só isso que eu quero da vida, ver as crianças...Depois, podem me levar para outra vida... E depois, quem sabe, eu viro santo como São Francisco de Assis...